

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA FREIREANA: SABER E AUTONOMIA DOCENTE

ANA CHRISTINA DE SOUSA DAMASCENO

Doutoranda em Ciências da Linguagem (UNICAP); Mestre em Letras (UESPI); Especialista em Educação Infantil (UESPI) e em Gestão Municipal de Educação (UFPI); Graduada em Pedagogia (FAP/UNINASSAU) e em Letras/Português (UESPI). Professora Educação Básica da SEMEC/Caxingó e do Ensino Superior na Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba (FAESPA), e-mail: anachristinadamasceno@gmail.com;

CHRISTIANA DE SOUSA DAMASCENO

Mestranda em Ciências da Educação pela UTIC – PY. Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia pelo INTA – Ce. Professora da SEDUC/Parnaíba e da UNIP/Parnaíba, e-mail: tiachrisphb@gmail.com;

MARIA DOS REMÉDIOS NUNES DA COSTA

Especialista em Metodologia de Língua Portuguesa e Literatura pelo INTA, Graduada em Letras/Português pela UESPI, remedios-costa@hotmail.com;

SILVIA MARIA DE OLIVEIRA RIBEIRO

Especialista em Psicopedagogia (UVA); em Docência do Ensino Superior (UVA); LIBRAS (FAERPI) e Educação Especial (FAERPI). Graduada em Pedagogia (FAP). Professora da FAESPA. silviapasco-api@hotmail.com.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre formação de professores na perspectiva freireana, através da reflexão sobre o saber e a autonomia docente, e dessa reflexão compreender aspectos que conduzam o educador a planejar e executar uma educação libertadora através de uma prática contextualizada. A pesquisa apresentada é de caráter bibliográfico e apresenta uma reflexão sobre a formação de professores para uma educação dialógica, que colabora para a construção de uma sociedade igualitária e autônoma para todos que ali convivem, essa análise será feita partindo da obra de Paulo Freire: Pedagogia da Autonomia. Podemos concluir com a análise da obra que a prática educativa representa saberes que elucidam a autonomia, tais como: domínio técnico a serviço da mudança, capacidade científica, afetividade e alegria.

Palavras-chave: Formação de Professores, Paulo Freire, Saber, Autonomia.

INTRODUÇÃO

Analisaremos os saberes que Freire chama de necessários à prática educativa, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, última publicada em vida, apresenta uma reflexão sobre a prática educativa na formação de professores, bem como reflexões acerca de proposições que devem ser indicadas, isso é elucidado dentro de uma abordagem educativo-progressista, que examina uma investigação de saberes fundamentais, elencados através de exigências de um ensino que elucide e trabalhe os princípios da autonomia do educando. Fortalecendo teorias que abordam práticas coerentes com a contextualização social da realidade dos alunos.

As reflexões do livro irão nos remeter à uma prática que aponta não haver docência sem discência, que ensinar não é transferir conhecimento e é, essencialmente, uma capacidade humana, temas gerais que se especificam nos três capítulos do livro, e que serão tomados como princípios nas formações docentes ao longo dos anos.

Para Freire o ser professor constitui-se uma proposta para indivíduos inquietos, criativos, empreendedores e que se tornam brilhantes em ações, há um encantamento na sua prática que se faz necessária para o processo de encantamento dos seus estudantes, dessa maneira percebemos que o trabalho da educação é um compromisso que requer responsabilidade pela vida, pela formação das pessoas que estão ali buscando mediação dos conhecimentos, e se configura como um compromisso desafiador, pois deve propiciar aos alunos as possibilidades de conhecer o mundo, seus conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência e a incrível forma de viver e conviver (PIN et al).

Diante desse entendimento percebe-se que o fazer docente está diretamente ligado com a formação científica dos seus estudantes, sejam: crianças, adolescentes, jovens ou adultos, e conseqüentemente modifica a realidade que os cercam, tornando-os responsáveis por sua comunidade.

Dessa maneira, orienta-se que os educadores possam ensinar com rigorosidade metódica, pois o autor conduz a um entendimento que não há, ou não deve haver, ensino sem pesquisa aproximando os educandos do conhecimento, mediados com curiosidade, persistência, criatividade, investigação, humildade, ética e estética, levando à busca de tal processo cognitivo por meio de indagações, que fazem parte de uma prática, que encaminham à uma autonomia do ser, de maneira crítica e construtiva, organizando e

aprimorando saberes atrelados à práticas, tais aspectos contextualizados à realidade social na qual seus indivíduos estão inseridos. Tal prática educativa vai partir, segundo Freire, de professores que zelam pelo ensino crítico-reflexivo, ou seja, um ensino que conduza seus alunos à uma criticidade de questionar e de transformar o seu contexto social.

A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre formação de professores na perspectiva freireana, através da reflexão sobre o saber e a autonomia docente, e partindo dessa percepção entender indicativos que conduzam o educador a organizar uma educação libertadora por intermédio de uma prática libertadora.

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, pois é realizado partindo da obra *Pedagogia da Autonomia*, nossos dados seguem a ordem dos capítulos da obra. Nos seus principais resultados destacamos a necessidade de uma educação cada vez mais dialógica com uma prática social transformadora diante de desafios permanentes de igualdade que conduzem o professor a ser colaborador direto para a transformação social, partindo de uma prática engajada e dinâmica.

METODOLOGIA

Ao realizar o presente trabalho de pesquisa, buscou-se embasamento teórico-metodológico sobre o livro de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, refletindo sobre os saberes necessários à prática educativa; obedecendo a critérios específicos, conforme indica Marconi e Lakatos (1992):

Pesquisa bibliográfica “é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em formas de livros, revistas, publicações e imprensa escrita”. A pesquisa qualitativa “se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise do problema”. E a pesquisa descritiva se dedica a descrição dos dados coletados durante a realização do estudo (MARCONI E LAKATOS, 1992, p. 43).

A pesquisa científica deve agregar valores a temática e contribuir com novas soluções que possibilitem sanar problemas associados ao objeto de estudo, ampliando a visão do autor e dos leitores em relação ao mesmo, a princípio atendendo as necessidades do pesquisador, que busca atingir objetivos determinados.

A análise de dados baseia-se nos capítulos da obra *Pedagogia da Autonomia* e análise da mesma através da perspectiva da formação de

professores, saber e autonomia docente que trabalham na perspectiva de uma transformação social através da prática pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão acerca da obra de Paulo Freire à frente dar-se-á em forma de texto com análise crítica sobre o teor de formação das obras do autor. Ao se observar a atividade docente em um ambiente democrático, pode-se identificar algumas qualidades necessárias ao exercício da autoridade nas relações com os alunos. Dentre elas a segurança em si mesmo, revela-se como essencial, pois ao demonstrar firmeza em suas ações, como atua, decide, respeita as liberdades, discute suas posições e aceita rever-se, o professor transmite segurança aos alunos, sem precisar usar de discursos repetitivos sobre si mesmo, uma vez que a legitimidade de sua autoridade se expressa através das atitudes exercidas com indiscutível sabedoria.

O professor precisa levar a sério sua formação, estudar e se atualizar continuamente, porém, a competência científica não significa (não garante) a prática democrática nas relações acadêmicas, uma vez que muitos professores, independente do gênero, muito preparados cientificamente, manifestam-se com significativo grau de autoritarismo.

Segundo Freire (2019, p. 90):

A arrogância farisaica, malvada, com que julga os outros e a indulgência macia com que se julga ou com que julga os seus. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade, que não é virtude dos que ofendem nem tampouco dos que se regozijam com sua humilhação. O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

Não há como ser professor, sem revelar com facilidade ou relutância sua maneira de ser, de pensar politicamente. Não há como escapar à apreciação dos alunos. A prática docente embasada no comportamento ético exige a revelação de decidir, assumindo as consequências pelas opções feitas, o que caracteriza comprometimento com a formação do educando sob sua condução, que vai além do ensino dos conteúdos.

Um saber inquestionável inerente à prática educativo-crítica é a de que 'a educação é uma forma de intervenção no mundo', uma vez que como

experiência especificamente humana, não lhe basta apenas reproduzir as ideologias dominantes, mas proporcionar aos educandos condições de observar, comparar, avaliar, escolher, decidir, intervir, romper e optar, contribuindo para a construção da cidadania individual e coletiva, na tomada de consciência para a luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder lugar a outra menos injusta e mais humana.

Nenhuma relação que se expresse de forma vertical ou horizontal pelo posicionamento de seus atores, tenderá a ser frutífera na perspectiva libertadora, se o sujeito que detenha o uso momentâneo da palavra, não demonstre sua capacidade de controlar a necessidade de falar, como também de motivar a quem escuta de expressar sua resposta, e mesmo que em forma de 'silêncio' consiga manifestar o seu entendimento sobre o que acabou de ouvir. Só assumindo a responsabilidade de uma comunicação bilateral, entre educadores e educandos, poder-se-á admitir a pedagogia como fonte propulsora da autonomia humana.

Um professor, que exerce sua profissão como sujeito vocacionado, aprende a viver a abertura respeitosa aos outros, viabilizando o diálogo, como experiência fundante do ser inacabado, que propõe a se abrir ao mundo à procura de explicações e de respostas a múltiplas perguntas.

Ensinar carrega em si uma alegria natural a quem está aberto ao gosto de querer bem, sem receios em expressar afetividade pelos educandos, como experiência específica do ser humano, sem a qual a prática docente perde o sentido.

“No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” (FREIRE, 1997), que é parte integrante da formação dos docentes que precisa ser diária, contínua e organizada.

Não há docência sem discência

O processo de ensino-aprendizagem se apresenta de forma cíclica, onde o emissor (professor) age de forma modeladora, no sentido de passar conhecimento que modela os receptores (alunos), e levando em consideração que estamos em constante processo de aprendizagem, certamente o mesmo indivíduo ocupa a falsa posição modeladora momentânea, sendo sujeito e objeto da ação da aprendizagem (FREIRE, 1997).

O docente enquanto ser individual participa do processo de ensino e aprendizagem de forma concomitante, ensina-se e aprende-se com o que ensina isto faz parte da evolução da sociedade, o ciclo da aprendizagem. Mestres (2008) cita em seu artigo que a docência apresenta aspectos que se envolvem intimamente com a formação geral recebida pelo discente, ou seja, a relação entre ambos e o que cada um traz como bagagem pessoal podem impactar diretamente na formação do profissional (por hora discente). A partir disto pode-se observar que docente e discente envolvem-se dentro do processo educacional de forma determinante, não somente apresentando a posição do “modelador” e seu objeto a ser modelado; neste aspecto ambos contribuem na “modelagem” do conhecimento. É na prática que os conhecimentos e saberes se transformam e se confirmam modificam-se e ampliam-se, quando não há essa relação da teoria com a prática se torna um ativismo que às vezes reproduz certa violência sem perceber em relação ao discente, dessa forma Paulo Freire (1997) afirma que o ensino não é uma mera transmissão de conhecimentos, mas possibilidades para a sua própria construção e produção desse conhecimento.

Se na experiência de minha própria formação como professor me aceito como objeto desta prática e o meu formador é o sujeito quando me tornar professor acabo me tornando um falso sujeito devido àquela relação sujeito-objeto de como fui formado, por isso professores aprendem e ensinam juntos com seus alunos; e os alunos aprendem e ensinam com os professores, com isso o professor reaprende com seus alunos, tendo um envolvimento docente e discente neste processo, uma educação não autoritária e mais democrática entendendo o valor um do outro mantendo uma relação entre o ensinar e o aprender e com os dois sujeitos do processo (professor e aluno).

O professor tem que ter ciência que o aprender veio antes de ensinar, ou melhor, ensinar se dilui na experiência primeira do aprender, aquilo que não foi apreendendo não foi realmente aprendido.

A posição autoritária do docente não contribui positivamente na evolução do discente, visto que atitudes, palavras e pequenos fatos podem marcá-lo por toda a vida, de forma positiva ou não (FREIRE, 2002).

De fato, uma informação passada de forma imposta certamente trará uma resistência de absorção do receptor, atrapalhando o processo de aprendizagem, porém relações teórico-práticas que incorporem uma dimensão investigativa se demonstra exitosa quanto a conseguir trazer ao discente a correlação com acontecimentos cotidianos (ALVARÉZ, ALNGEL, OSÓRIO,

2018), desenvolvendo neste a capacidade de resolver problemas pessoais e coletivos, processo que faz parte da formação intelectual do indivíduo.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber (FREIRE, 2002).

O ato de ensinar perpassa pelo incentivo a curiosidade do discente, é salutar e evolutivo que a aprendizagem seja algo desenvolvido em conjunto docente-discente trocando experiências e fechando o ciclo da aprendizagem que se apresenta quase como uma “dança das cadeiras”, onde cada um e todos participam do processo ao mesmo tempo, emitindo e captando informações.

Professor democrático é aquele que fortalece a criatividade do educando e o encoraja a fazer questionamentos trabalhando a rigorosidade metódica dos que eles se aproximam do objeto de conhecimento, exigindo neste método alunos e professores curiosos, inquietos, investigadores, pesquisadores, criadores, humildes e persistentes.

O aluno tem que vivenciar a experiência ao lado do professor e o professor tem que fazer o aluno pensar fazendo com que o discente torne-se autor do seu conhecimento. O aluno tem que aprender a pensar certo é impossível tornar um professor crítico utilizando meios mecânicos. O professor tem que fazer com que seu aluno raciocine e não ser um mero memorizador de conteúdos.

Não há relação ensino e aprendizagem sem pesquisa, esse trabalho tem que ser permanente o aluno pesquisador desenvolvendo o seu papel crítico naquilo que está sendo aprendido, fazer com que o aluno seja um ser ativo da sua aprendizagem. Mantendo contato com conhecimentos científicos e envolvendo-se neste mecanismo seus próprios saberes se transformam, esse aluno pesquisador não pode surgir somente nos estudos universitários ou de pós-graduações *scripto* ou *lato sensu*, pois o pesquisar está envolvido no ato de ensinar com isso já tem que ser desenvolvido desde seu ensino básico, pois pesquisar faz parte da definição de ensinar mas com isso o professor tem que ser um pesquisador e assim mostrar a importância da pesquisa para os seus alunos.

A partir do momento que o professor incentiva o seu aluno a ser um pesquisador ele também vai descobrindo novos conhecimentos e aprendendo com eles, transformando o que já está aprendido em um novo saber

e assim modificando esse conhecimento ano a ano. Pois por mais que se estuda nunca saberemos de tudo entendendo que o conhecimento não é um objeto consolidado e sim em constante processo, e assim o professor torna-se consciente de que todo ano os discentes mudam e os fatores sociais se transformam fazendo necessário a busca de novas formas de ensinar, métodos, metodologias para os novos aprendentes.

Sendo assim, o saber nunca pode ser entendido como meramente cumulativo, como na fala de Paulo Freire (1997), um ensino bancário. O saber deve ser dinâmico e sempre voltado ao novo, pois estamos em constante aprendizado. Como cita Freire (1997): “Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto ao respeito e o estímulo a capacidade criadora do educando.” Assim, a pesquisa é um momento em que o professor e o aluno buscam e aprendem juntos, isso deve acontecer em todas as disciplinas que desejam que os alunos encontrem as suas próprias descobertas sendo assim envolvendo com o ensino e aprendizagem.

Em todo contexto escolar dentro e fora de sala de aula o aluno está em constante aprendizagem pois o cotidiano social do aluno não se desprende dele a sua realidade está inserida na sua vivência e o professor precisa conhecer essa realidade que o seu aluno convive sabendo das suas necessidades e desejos, essas experiências tem que ser refletidas no ambiente escolar, assim facilitando na hora do planejamento do professor levando para esse ensino e aprendizagem a própria vivência do aluno o que faz parte da sua vida problematizando o conteúdo.

Não podemos ignorar o ambiente social do aluno e sim trazer para dentro da escola, fazendo um elo entre o ensino e a realidade vivenciada pelo aluno criar uma ponte de ligação. Tirar de dentro das escolas um espaço autoritário em que alunos não participam da construção e nem do planejamento.

O aluno é o detentor do processo se a escola é construída é para ele, sendo assim tem que participar e transformar toda a sua realidade em favor dele. Ensinar exige respeito.

O indivíduo é curioso por natureza basta então o professor tornar essa curiosidade do senso comum em uma curiosidade crítica e epistemológica, fazendo com que haja uma mudança nessa curiosidade e a torne crítica uma vontade de entender melhor o mundo que o cerca uma curiosidade que pode nos imunizar de nos dar uma capacidade de pensarmos de uma forma que não se aceite tudo que é imposto. Fazendo com que o aprendizado seja

crítico nunca deixando de lado o ser ético, em formação pois tem que empenhar em cultivar sempre valores de sinceridade, integridade e honestidade neste ser formado, com isso ter a liberdade de aprender para futuramente saber escolher pois essa liberdade não pode estar dissociada da ética.

O ensino por isso não pode ser desvinculado, da formação moral e ética dos alunos pois estamos em constante formação e o caráter, a moral e a ética é sim de responsabilidade também da escola precisando rever seus conceitos e humanizar aonde for necessário pois ela não é detentora da verdade.

O professor ético deve entender que seu exemplo arrasta mais que as palavras, pois aquilo que ele fala em sala de aula tem que ser vivenciado na sua prática e vida social senão tudo fica desacreditado pelo aluno.

Como diz Paulo Freire (1997), pensar certo é fazer certo o professor está em constante observação pelo seu aluno e tudo que ele diz não pode ser incoerente ou contraditório, tem que ser firme e não autoritário naquilo que expõe não podemos fingir que ensinamos e nem o aluno fingir que aprende, pois a educação tem que ser justa e democrática a prática não pode contradizer o que é ensinado para não perder a credibilidade do aluno.

O professor não é o detentor da verdade e com isso pode errar ou falhar e ter humildade em aceitar e modificar, pois para inovar é necessário construir.

Ensinar não é transferir conhecimento

No segundo capítulo o autor inicia enfocando que ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as possibilidades para sua construção, e para isso o professor precisa estar aberto à curiosidade dos alunos, mais que isso, instigá-la, promover o desenvolvendo de sua capacidade crítica.

Prossegue ressaltando o inacabamento do ser humano, que o inclui em um incessante processo de busca que caracteriza sua curiosidade. Esse inacabamento do ser é o que determina a educação como processo permanente. “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (FREIRE, 1996, p.23). Isso implica na percepção de que o indivíduo não precisa apenas se adaptar ao mundo, e sim nele se inserir. Lutar para não ser apenas objeto, mas também sujeito da história.

Outro saber necessário à prática educativa é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. A consciência do inacabamento

nos fez seres éticos, e o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético.

O professor que desrespeita aspectos como a curiosidade do educando e sua linguagem, que se exime de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de sua existência como educador. É fundamental o bom senso e a coerência no sentido de diminuir a distância entre o discurso e a prática.

Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. Nesse aspecto, há mais de duas décadas atrás, Freire já defendia a necessidade de repensar a eficácia das greves, de reinventá-la.

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação, que inclui a briga por salários menos imorais, é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente (...). É nesse sentido que os órgãos de classe deveriam priorizar o empenho de formação permanente dos quadros do magistério como tarefa altamente política e repensar a eficácia das greves. A questão que se coloca, obviamente, não é parar de lutar, mas reconhecendo-se que a luta é uma categoria histórica, reinventar a forma, também, histórica de lutar (FREIRE, 1996, p. 27).

Ensinar exige apreensão da realidade, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformá-la, nela intervir, recriando-a, pois somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender, aqui entendido como uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada.

Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que envolve sonhos, utopias, ideais. Envolve alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível. Daí a sua politicidade, de não poder ser neutra. Ensinar exige, também, curiosidade.

O professor deve ter consciência de que se não for movido por uma curiosidade, que provoque uma inquietude, que o insira numa busca contínua, ele não aprende nem ensina. É fundamental que tanto professor como alunos saibam que a postura deles, deve ser dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, quando falam ou quando ouvem. A relação professor-aluno é o fator principal desse processo, que Freire enfatizou quando colocou:

O que quero dizer é o seguinte: Não devo pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vem sendo exposto ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas, mas ao mesmo tempo, a maneira mais aberta, dialógica, ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor ensina (FREIRE, 1996, p. 35).

Nesse contexto é indispensável o bom senso na relação autoridade-liberdade. Refletir sobre algumas das qualidades que a autoridade docente democrática precisa estabelecer em suas relações com a liberdade dos alunos.

Ensinar é uma especificidade humana

No último capítulo da obra, 'ensinar é uma especificidade humana', Freire apresenta uma defesa sobre a necessidade de desenvolver o conhecimento e a afetividade por parte do educador para que este atue com liberdade, autonomia e competência ao longo de sua atuação docente.

Faz parte da discussão desse capítulo a ideia de que "Todo educando sabe que deve respeitar o educador, mas o educador precisa fazer-se respeitar" (FREIRE, 1996), apontando para uma necessária posição do trabalho pedagógico que é desenvolvido pelo professor diante de sua sala de aula.

Segundo Freire (1996):

Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há nesta boniteza lugar para a negação da decência, nem de forma grosseira nem farisaica. Não há lugar para puritanismo. Só há lugar para pureza.

Para o autor o ato de ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade por parte do educador, de maneira que este precisa ter pés e sonhos no chão, de forma que esteja e seja firme no que faz e propõe à seus estudantes, sua escola e sua comunidade, transformando o ambiente que o cerca de forma consciente e eficaz.

Ensinar também exige comprometimento com a realidade e os sujeitos que convivem com o docente. O comprometimento é conhecimento que amplia a interação da relação professora/aluno, viabilizando um sentido amplo à prática docente em relação ao desenvolvimento cognitivo e social dos sujeitos da educação. De certo que o professor precisa estar inserido e atualizado com o contexto dos seus alunos.

Diante do comprometimento do professor, Freire afirma que:

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.

Diante da afirmação do autor percebemos que a presença do professor se faz de forma consciente, entre saber e intervir em uma realidade muitas vezes adversa à autonomia, mas que precisa de uma intervenção da educação, tudo isso pautado em uma conduta ética e que respeite aos direitos humanos.

Para o autor pernambucano o ato de ensinar pede a compreensão de que a educação é uma força potente de intervenção no mundo, de maneira que ensinar é apresentar ao estudante muito além da teoria, mas buscar apresentar que ele pertence à uma sociedade que há inúmeras culturas, formas de viver e de falar, e que as pessoas que o cercam influenciam direto ou indiretamente em sua própria vida.

Para tanto o professor não pode fechar-se em seu próprio mundo, ou seja, se fechar em sua própria sala de aula, mas abra as portas para novas vivências, e não viver apenas apegado ao passado, mas viabilizar a construção de um futuro de igualdades. Enfim, o professor precisa educar para a vida.

Formação de professores: saber e autonomia docente

Através da obra *Pedagogia da Autonomia* refletimos os principais saberes que Paulo Freire aponta para uma reflexão de que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender e que o aprender precedeu

do ensinar”, de uma maneira dialógica, são as práticas conduzidas por uma formação engajada e pertinente.

Na atualidade, a formação continuada de professores, é apontada como norte do desenvolvimento do remodelamento dos sujeitos e suas ações em sala de aula, de modo que, cada vez mais teóricos e estudiosos da área de educação e formação docente voltam seus olhares e pesquisas para o processo de formação continuada, o qual o professor precisa passar e estar consciente de sua importância e relevância para a realização de sua prática contínua e diária (DAMASCENO, 2020).

Destacamos, a afirmação de Gadotti (2001, p. 253) que descreve a posição de Paulo Freire, para chamar atenção para a necessidade, de uma reorientação constante das teorias da educação, que precisam acompanhar o processo de evolução da sociedade, partindo de uma reflexão acerca da prática, afirmando que: “educador e educando aprendem juntos numa relação dinâmica, na qual a prática é orientada pela teoria, que reorienta essa prática, em um processo de constante aperfeiçoamento”. Por esta razão, para que se obtenha uma ação ancorada na teoria faz-se necessária uma formação bem sólida, destarte para que o professor se aprimore e perceba sua sala de aula um espaço que se viabiliza a escolha teórica que conduzirá sua prática, gerando aprendizagem.

Diante das considerações de Freire em Pedagogia da Autonomia torna-se relevância que possa existir dentro do docente, uma vontade de sempre aprender, e que seja acompanhada de uma vontade, garra, imaginação com aspectos pertinentes aos saberes necessários para uma autêntica autonomia de sua prática.

De certa forma a formação docente necessita apontar questões repletas de novidade, envolvendo a prática e procurando interpretá-las segundo o olhar da teoria e da própria prática, permitindo a organização dos saberes novos e atuais no desenvolvimento das práticas da docência, possibilitando diálogos com os sujeitos envolvidos no processo que envolve a formação e sua aplicabilidade na sociedade (IMBERNÓN, 2010).

A formação docente e seus saberes nos apontam que o ato de ensinar é planejar e organizar um caminho pleno para a autonomia de quem aprende, formando assim um cidadão consciente de seus deveres e direitos, e de sua necessária intervenção na sociedade em que vive.

Dessa maneira podemos concluir que cada docente precisa estar capacitado de forma consciente e comprometida para exercer sua função nos tempos em que se dignou educar, para tanto a formação docente diária e

continua permite ao profissional da educação uma visão do seu papel, uma reflexão acerca de sua prática e uma oficina diária de transformação e aprimoramentos, tornando-o pronto para se adequar ao mundo tecnológico e demais realidades que se colocarem à sua frente e de acordo com as necessidades de seus estudantes.

A obra Pedagogia da Autonomia aponta para uma urgência na reflexão e adequação do modelo atual de educação pautado com a tecnologia através de formatos novos que possibilitem a aprendizagem plena e significativa dos estudantes, da maneira que permitam que esse percurso formativo e educativo seja avaliado de um jeito assertivo.

Tais aspectos, contudo, deriva não somente da procura por formatos tecnológicos mais novos e modernos, mas de uma formação dos professores, que trabalhem com o desenvolvimento da linguagem, que seja intensa e competente, e que promova uma ação-reflexão-ação diante da sociedade que está inserida.

Assim, diante desse contexto espera-se dos docentes atos de repensar e reorganizar o processo de ensino, de forma que garantam o êxito ao longo do processo e os estudantes se adaptem às várias formas de aprender partindo de uma formação continuada embasadas em conceitos e práticas para o ato de ensinar de forma autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão apresentada podemos inferir que uma das ações mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos através do trabalho do professor ensaiam a experiência de reconhecer-se como ser social e histórico, realizador, transformador de sua realidade, criativo, sonhador, capaz de ter raiva porque é capaz de amar.

Dessa maneira, o educador deve propor a indagações no que diz respeito à curiosidade, às perguntas dos alunos, viabilizando sua própria produção e construção, pois Freire mesmo ensinar não é transferir conhecimento, mas mediá-lo, transformá-lo. E, ter o discernimento que o inacabamento do ser é fundamental na formação dos professores, para poder sempre buscar essa conclusão histórica e social do ser. Para isto é importante o respeito aos princípios da autonomia e da dignidade do educando, valorizando o meio social em que vive, e essa transformação provém das intervenções e práticas pedagógicas do professor.

Percebemos que compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo é um saber que implica dizer que a prática não é neutra e exige dele uma definição. Ensinar exige liberdade e autoridade, no sentido de que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade em experiência, respeitadas da liberdade. Exige, também, tomada consciente de decisões para que a educação não seja neutra, sem discordância nenhuma entre as pessoas, e, somente o respeito.

Diante do exposto, os professores precisam ter disponibilidade para o diálogo, para uma relação dialógica em que o sujeito se abre ao mundo, para novas experiências, para novos horizontes, através da autonomia, que o faz livre.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Consuelo Vélez; ANGEL, Claudia Patricia Jaramillo; OSORIO, Alexandra Giraldo. **Docencia-servicio**: responsabilidade social em la formación del talento em salud em Colombia. Educ. Med. 2018; 19 (S2): 179-186.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. 25ª edição. 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo (1977). **Ação cultural para a liberdade**. 2ª ed. (1ª edição: 1975). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1980). **Conscientização**: teoria e prática da libertação. 3ª ed. (1ª edição: 1967). São Paulo: Moraes.

FREIRE, P. (1997). **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 4ª ed. (1ª edição: 1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1998). **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. (1ª edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir. **Reinventando Paulo Freire no Século 21**. São Paulo: Livraria e Instituto Paulo Freire, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010. FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

MESTRES, Carlos A. **Docência**. Cir. Cardinov, 2018, 15 (4): 331-3.